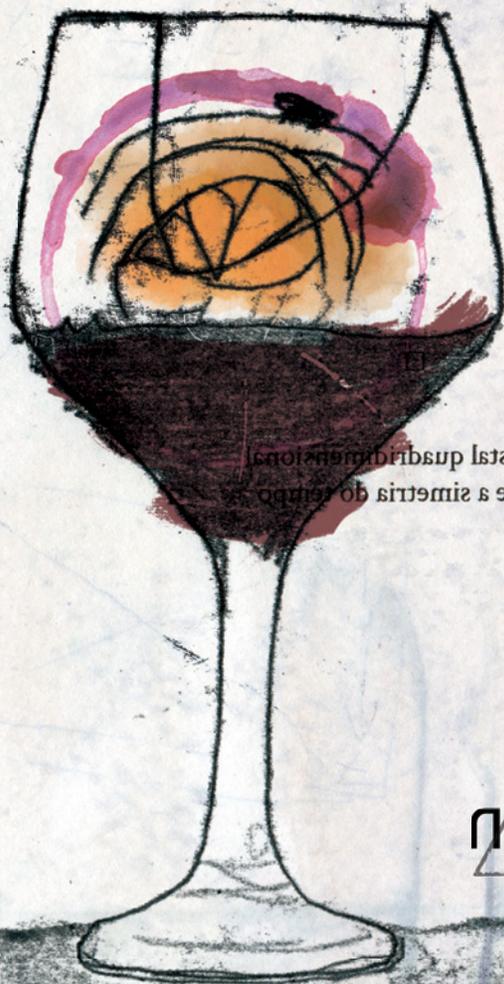


# PRA ESTANCAR ESSA SANGRIA

bagade fente



tompe a simetria do tempo  
um cristal dasidremitos



801 E - 2111111

bagade fonte

PRA ESTANCAR  
ESSA SANGRIA

1ª Edição  
Botucatu/SP  
2021



# **Pra estancar essa sangria**

1ª Edição, 2021

Botucatu/SP

Coordenação Editorial

BAGA DEFENTE

@bagadefente

Editor

ALEX ZANI

@alexzani

Revisão

ANA C. MOURA

@anac.mouras

Foto do autor

LARA VALENTE

@fugereurbem

Projeto gráfico, diagramação, artes & design de capa

BAGA DEFENTE

NADA.: Studio Criativo

@nadastudiocriativo

Copyright © NADA.: Studio Criativo, 2021

*Pra estancar essa sangria* © Baga Defente, 2021



Rua Dr. José B. de Barros, 792

18610-307 Botucatu/SP

nada.art.br

## **Pirate Love\***

Baga Defente é um daqueles caras (ainda há alguns por aí) que respiram/transpiram arte. Investe parte significativa do seu tempo e energia para criar. Seu fazer cotidiano passa pela concepção de poemas, contos, filmes, vídeopoemas, quadros, gravuras, colagens, edição de livros, projetos gráficos e organização de eventos formadores, como oficinas e saraus. De quebra, ainda batalha nas ingratas trincheiras dos debates e ações voltadas para políticas culturais, missão que, em tempos de obscurantismo oficial, só pode ser qualificada como corajosa abnegação.

Confesso ser incapaz de analisar a qualidade de qualquer uma das tantas facetas do multiartista. Prêmios, agenda cheia de trabalhos e capacidade de viver da própria criatividade dizem mais e melhor sobre isso. O que posso afirmar é que o relançamento conjunto de *enquanto você toma rumo eu tomo rumo*, *cointreau+alt+del* e *PINGALOVE*, a trilogia etílico-poética de Baga Defente, acrescida de uma pulsante leva de poemas inéditos em livro, é uma boa oportunidade para sobrevoar páginas preenchidas com inquietação e busca. Isso já é grande coisa.

Ao contrário do que os títulos dos livros podem fazer parecer, o poeta aqui não é uma das tais “moscas de bar”, sentado numa mesa do canto, sacando o movimento e sendo sarcástico enquanto empunha o copo com mão trêmula. Governado pelos afetos, o autor está mais para um sagaz e romântico corsário do asfalto, singrando as madrugadas, tentando pilhar amores, sempre livre de pecados e ordenamentos. Alguém que exalta os encontros, sabe olhar e comentar a frágil dinâmica das paixões e não hesita em chorar as pitangas diante dos desencontros, salpicando pelas páginas seus delicados achados poéticos com sabor pop fora da lei.

Você pode gostar ou não. Mas é inegável o compromisso de Baga com a própria liberdade de criação. A poesia dele pode parecer com tudo. Também pode ser diferente de tudo. Há clichês escritos com a originalidade de um Duchamp de camisa florida (seja lá o que isso queira dizer). Há ousadias que se transfiguram e acabam por pousar no ambiente seguro da Terra plena das estrofes e rimas. No chão das ruínas que pisamos hoje, tal liberdade criadora pode ajudar a limpar dos nossos ombros o pó dos cotidianos desmoraamentos.

Esta breve apresentação não tem a pretensão de guiar o leitor. Aqui, navegar sem bússola será, certamente, mais proveitoso. Mas, se me permitem um lembrete: tomar rumo implica seguir caminhos já abertos. Baga Defente prefere navegar por outros e inusitados mares. E o faz lavando a melancolia da garganta com tragos da bebida preferida dos piratas e hasteando a bandeira das ideias livres de âncoras.

*Sérgio Santa Rosa*

*\*Pirate Love é uma canção de Johnny Thunders and the Heartbreakers.*

## **Neuro-cardio-poesia**

Editar um livro não é fácil. Editar um livro pela primeira vez, também não. Editar um livro de poesia, menos ainda. Editar, pela primeira vez, um livro que é a reunião de outros quatro livros de poesia, então, nem se fala...

Compreender o papel de quem edita um livro pode ser complexo. E pode ser complexo, pois, às vezes, é uma tarefa quase abstrata, mais próxima ao autor e menos ao leitor, mas tão importante para um quanto para o outro. Editar um livro é como podar jardins, quebrar paredes ou construir cercas. Editar um livro, em especial de poemas, é como fazer uma cirurgia de transplante.

Vamos supor que você seja um médico e que, enquanto médico, você precisa fazer uma cirurgia. Agora, vamos supor que essa cirurgia seja um tanto quanto complexa e envolva, ao mesmo tempo, o cérebro e o coração. Ou seja, você é simultaneamente um neurocirurgião e um cirurgião cardiologista, e terá de fazer um transplante duplo: na mesma operação, será necessário abrir a caixa torácica, tirar o coração, abrir o crânio, tirar o cérebro e colocar este no lugar daquele. Por fim, terá de costurar tudo e acordar o paciente, que deverá seguir com vida.

Basicamente foi isso o que eu fiz neste livro. No entanto, apesar do paralelismo, editar este livro em questão não foi difícil. E não é porque não foi difícil que podemos necessariamente dizer que foi fácil. Este livro teve outros títulos, outras capas, outros poemas e outros conectivos. Conheci Baga Defente em 2016, eu então um jovem no auge dos meus 19 anos. Baga foi uma das primeiras pessoas que eu conheci pela internet e depois fiz questão de conhecer pessoalmente. Ele havia acabado de autopublicar, em edições artesanais, os dois primeiros livros que compõem este aqui. Baga foi uma das primeiras pessoas que me falou, naquela época, sobre o mínimo que eu precisava saber para iniciar meus trabalhos enquanto editor-de-algo antes mesmo d'eu me imaginar editando algo. Dito e feito, passados cinco anos, cá estamos. E posso afirmar que meu trabalho editando esta obra não foi algo difícil, pois sou mais amigo do que editor dele. Ao longo do processo de edição, falamos mais sobre qualquer outra coisa do que sobre a edição do livro.

A verdade é que nós sabíamos que este livro, um dia, existiria. Sabíamos disso, pois é um livro necessário. É um livro que encerra um ciclo, ainda

que sem grandes pompas, como encerramos uma conversa fiada: “fica assim, então”. Como se fecha um baú ou se retira uma atadura. É um livro que fala mais sobre o Baga, mais do que ele mesmo possa imaginar e, principalmente, mais sobre um dos Bagas dos quais ele mais evita falar. É um livro que delimita e conclui — a meu ver, com sucesso — uma etapa do seu percurso poético. Um livro que, de tanto andar atrasado, chegou adiante. Ópios, édens, torresmos, poemas concretos — não lhe toquem nessa dor, por favor. Estancar essa sangria é tudo o que lhe falta. De preferência, num grande acordo nacional. Com capa dura, com tudo.

*Alex Zani*

(mais amigo do que editor)

ENQUANTO  
VOCÊ TOMA RUMO  
EU TOMO RUM

**2013-2014**



*L'amour dans l'après-midi est un privilège bourgeois.*

O amor à tarde é um privilégio burguês.

JEAN-LUC GODARD

## POEMA SOBRE POEMA INVENTADO NA MADRUGADA

no meio da madrugada  
por entre grilos & cigarras  
no chiaroscuro da luz lunar  
por entre pernas peitos & lençóis  
a noite sendo  
você me pediu  
“fala pra mim um poema”

assustei — minha memória  
é falha — escrevo-esqueço, expurgo  
                  escrevo porque não sei falar  
se soubesse, em vez de poeta  
                  eu seria um rockstar

tua audácia juvenil:  
                                  “inventa um então”  
esquivei —  
                  “poema não sai assim,  
                  menos ainda sob pressão”  
insistiu “aaaaah vai,  
                                  inventa”  
inventei, óbvio: foi péssimo

rimas banais na primeira  
conjugação. eu estava extasiado  
entumecido & relaxado

não havia palavras não havia peso  
não havia nada mas depois  
enquanto você dormia eu  
mentalmente ligava os pontos  
perdidos na tua pele traçando  
incríveis constelações inventadas  
pensando que o melhor de todos  
os poemas síntese de toda poesia  
karma-cósmica era ter você ao meu lado  
vestida apenas com a tua beleza  
no calor duma calma madrugada

— o animal que há em ti anima  
& aninha a minha alma.

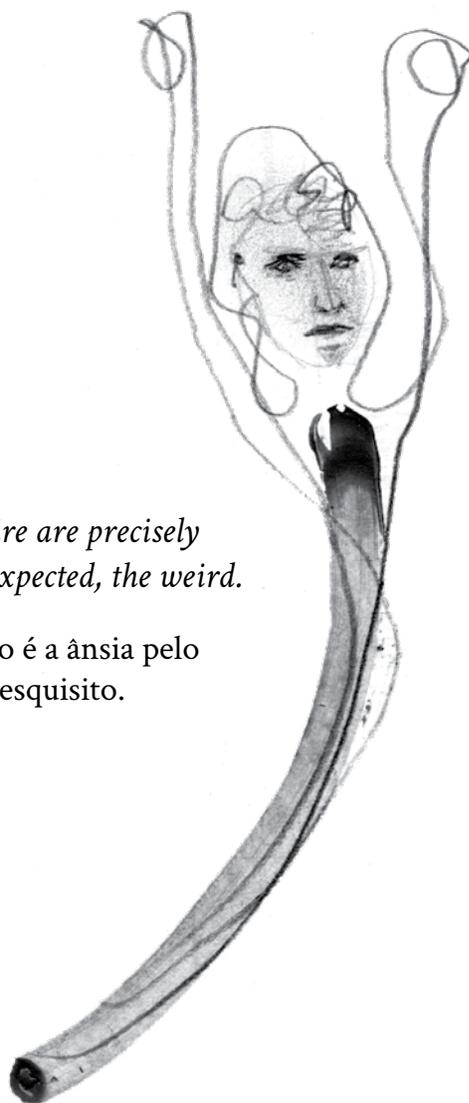
# COINTREAU +ALT +DEL

**2014-2015**

*The most powerful forms of desire are precisely  
cravings for the strange, the unexpected, the weird.*

A forma mais poderosa de desejo é a ânsia pelo  
estranho, pelo inesperado, pelo esquisito.

MARK FISHER



# MINIGRAMÁTICA

é final de semana  
estou solteiro &  
tenho um carro  
financiado a ser quitado em  
mais ou menos seis meses

dirijo pela rodovia  
me lembro das aulas de gramática  
(sempre preferi literatura & redação)  
mas tinha aquele lance de sujeito  
& predicado, lembra?

sujeito é o ser de quem se informa algo  
predicado é a informação propriamente  
dita projetada sobre o sujeito

por exemplo, na frase “Leônidas está triste”

Leônidas é o sujeito, estar triste o predicado  
ou seja, predicado não é qualidade  
mas sim estado sim, tenho estado  
meio triste, demasiado solitário  
sou bem-apegoado bom  
de papo descolado sujeito  
(in)determinado mas tem  
algo qu’eu não sei, sabe?

tem também essa coisa da ilha  
de viver na ilha estar na ilha  
ilha ilha ilha adoro a ilha  
mas mesmo o continente  
parece escasso em diversão

isso lógico é claro na minha  
concepção agora deve ter  
um bom bocado de gente  
se divertindo possivelmente  
com música da pior qualidade  
testosterona a mil gente esquisita  
não no bom sentido como nós

não tô sendo presunçoso mas o bom-senso  
estético dos normóticos é sabidamente  
duvidoso & com esse eufemismo  
pleonástico estou sendo extremamente  
generoso & tudo que ofereço é meu calor  
tipo um cazuza jazzy de saias  
piano-blues da fossa esse disco de  
ro ro lançado em 1979 é foda

sujeito (in)determinado composto  
perdeu um de seus núcleos de  
partícula apassivadora você se tornou  
meu índice de indeterminação

quando não existe elemento ao qual  
o predicado se refere o sujeito  
simplesmente se torna inexistente

mas para mim teu nome  
sempre será uma  
antonomásia

eu, animal  
perífrase

(essa foi mais uma noite qu'eu quis  
mas não conquistei  
o mundo)

# PINGALOVE

**2016**



*Te amo ainda que isso te fulmine ou que um soco  
na minha cara me faça menos osso e mais verdade.*

HILDA HILST

# SINFONIA DO MUITO OU POUCO QUE HOUE ENTRE VOCÊ & EU

## 3º movimento - *Amore Rallentando (staccatissimo)*

vexilólogo de estandartes invisíveis  
eu vejo os fogos calarem os sapos  
enquanto queimam dinheiro eu vejo  
crianças passando fome & frio  
enquanto o Cunha gasta  
milhares de dólares roubados  
em restaurantes & lojas de grife  
enquanto uma corja de canalhas  
corruptos afunda o país em mentira

faço bolos mas  
nem todos crescem

& tem os gatos  
que me miam  
& se movem  
sorrateiros  
pelos pingos de noite  
caindo do telhado  
& tem as crias  
que me cantam somente  
o que não pode mais se calar  
saltitando serelepes  
pelas tardes tortas  
guardadas no armário  
logo ao lado das raquíticas  
expectativas cultivadas  
no início do outono  
placebo  
percebo  
que o que tenho pra perder  
eu já perdi (quicá  
restava uma réstia  
d'esperança refogada  
com cará & incerteza  
esquecida num tapauér  
na gaveta da geladeira  
que no freezer tem um

adesivo do Crumb que  
com a família aos doze  
se mudou para dellaware)

além da tua vitrola vintage  
você ainda tem uns  
bons discos tipo  
aquele do caê com  
os sulcos da faixa três  
do lado A mais fundos  
gastos de tanto tocar  
muito

uns bons discos menos  
aquele do francês tocando  
atabaques fora os discos  
de música clássica qu'eu  
peguei emprestado pra  
gente ouvir e seguirão  
mudos

suas cordas enferrujando  
sopros entupindo dedos  
craquelando suas almas  
ansiosas pelas 33 rotações  
para serem enfim libertas  
nuas no espaço indo & vindo  
ritmicamente tal qual uma  
febre terçã delírios & bilocação  
set the controls to the heart of the sun

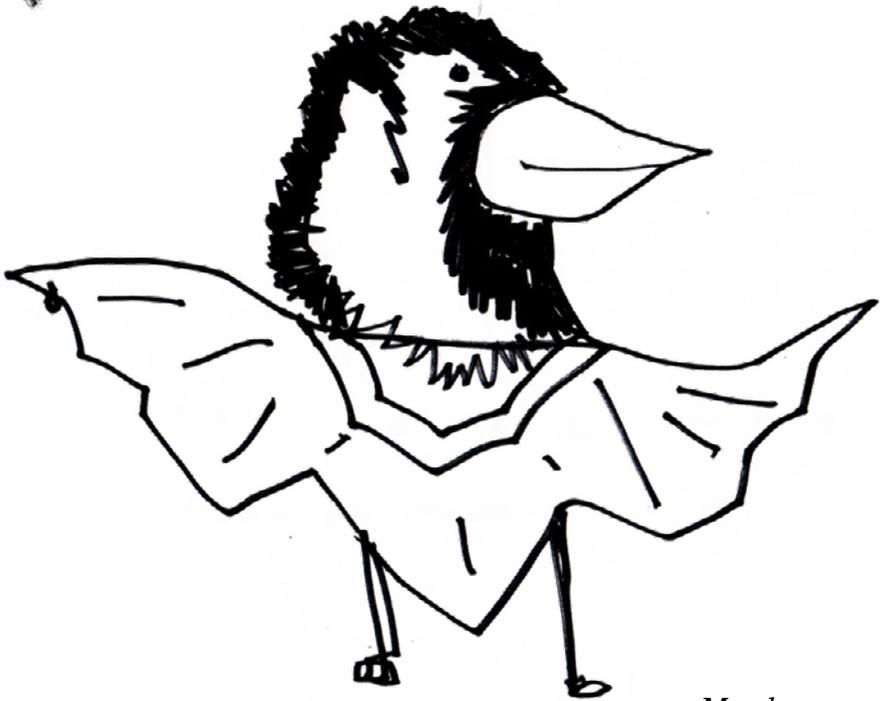
esses dias li não num muro  
mas num poernalheio  
que o poeta não escreve sobre si  
escreve sobre só  
também dizem que  
o contrário do amor  
não é o ódio  
mas a indiferença  
por isso a omissão  
desconforta mais  
que uma ofensa  
&

(roubei)

teu silêncio sustentado indefinidamente magoa  
quem só quer um acorde perfeito maior

# BIRINAITIS

2017



*Meu bem,  
o mundo inteiro está naquela estrada ali em frente  
Tome um refrigerante, coma um cachorro-quente  
Sim, já é outra viagem  
E o meu coração selvagem tem essa pressa de viver*

BELCHIOR

# SOLVE ET COAGULA

sou o feixe de luz que se divide  
ao atravessar o prisma

sou sol vermelho  
forma-pensamento  
flores pretas & vetores do tempo

os deuses deram aos homens  
fogo inspiração & magia

da união dos três dois lobos  
filhos do sol & da lua  
correndo atrás de seus rabos  
ouroboros revezando  
a noite & o dia  
inventaram o Amor

uma estrela negra  
atávica corda misteriosa  
amarrando todos nós

agora o céu visto do quintal de casa  
brilha mais que os teus olhos tristes  
camuflados pela fumaça de mil cigarros  
que impregnam tuas roupas com aquele  
cheiro ruim que ainda assim eu sinto  
saudade & quero perto de mim

agora o que é & o que parece ser  
perderam distinção — palavras  
penduradas em árvores esperam  
a segunda lei da termodinâmica  
para se tornarem poemas

menos organizado  
vou me tornando mais frio  
— estou perdendo calor

aí tudo desandou & o caldo azedou

eu te imagino com um violão desafinado no colo  
teus dedos finos buscando os acordes da tua timidez

puro romantismo meu — você está longe &  
minha paixão por você foi só mais uma coisa banal  
mas  
de que vale o espaço/tempo  
quando se fala de amor?

o silêncio também é um som uma frase  
distorção no fluxo cósmico —  
detrito, dejetos de nitrito  
distrito de nitrato  
pequena parte da mente  
sub-rotina, demônio  
um pequeno circuito  
o sangue de 52 universos  
o calor de dez bilhões de sóis

galáxias confusas colidem dentro de mim

a mão que hidrata a bunda é  
a mesma que acaricia a tapioca

vejo o fio do destino  
a ordem secreta dos anjos —  
sete ao todo, responsáveis  
pela manutenção do tecido  
que nos une ao universo

cabelo de Vênus  
eu te olho & vejo toda  
a Beleza & a Tristeza  
da Poesia no teu olhar

eu te olho & vejo  
o sol no crepúsculo se recusando a morrer

## Saideira

Agora que você já leu o livro todo (ou assim o deveria ter feito), me sinto mais à vontade para compartilhar um pouco da criação dele e minhas impressões ao longo desse processo.

Desde 2013, eu vinha produzindo, de forma espontânea e aleatória, alguns zines e livretos. Em 2015, decidi que era hora de organizar meu material e publicar um livro. Sem paciência para conseguir uma editora, optei pela autopublicação. Eu tinha algum conhecimento básico de diagramação, pesquisei sobre papéis, comprei uma impressora adequada e parti nessa missão. Selecionei e ordenei os poemas escritos a partir dos dois anos anteriores. Criei um projeto gráfico, ainda que simples, interessante. Imprimi, dobrei e costurei à mão cada um dos 50 exemplares dessa tiragem artesanal. Assim nasceu *enquanto você toma rumo eu tomo rum*, meu primeiro livro autopublicado.

Foi um período intenso em minha vida, eu estava criando e escrevendo bastante, e gostei tanto do processo de conceber e materializar um livro que no mesmo ano lancei um segundo, *cointreau+alt+del*, uma espécie de sequência do título anterior, seguindo a mesma concepção gráfica, editorial e poética. Sem perder o ritmo, no ano seguinte, lancei *PINGALOVE*, livro que concluía a minha “trilogia etílico-poética”, dados os títulos das três coletâneas de poemas. Para minha surpresa, graças às pessoas próximas, divulgação em redes sociais e participação em feiras, rapidamente os três se esgotaram.

Cinco anos e cerca de 10 livros editados depois — entre edições artesanais e pequenas tiragens impressas de autoras e autores próximos, em 2020, senti que era hora de reunir esses três títulos em uma edição “oficial”, com direito a ISBN, ficha catalográfica e, quiçá, o fetiche da capa dura.

Pensei em fazer um financiamento coletivo, mas aí veio pandemia, sustos e incertezas... de forma adaptável a vida foi acontecendo e este projeto entrou em stand-by, até que, poucos meses antes desse ano esquisito (ao menos em teoria) acabar, apresentei esta proposta em um dos editais da Lei Aldir Blanc, essa ação tão importante, diria até essencial, para nós artistas de diversas áreas neste contexto difícil que ainda atravessamos no momento em que escrevo estas palavras, em abril de 2021. Para minha imensa alegria, a proposta foi contemplada e assim obtive recursos para executá-la.

Peguei os arquivos originais para reler, editar e fazer ajustes em janeiro de 2021. Apesar de ter achado que seria um processo mais longo e dispendioso, em pouco mais de uma semana eu não só fiz minha revisão (cortando dois ou três poemas mais fracos, editando trechos de outros), como também organizei um quarto título para integrar o livro: *Birinaitis*, pequeno conjunto de poemas escritos em 2017, ou seja, após a publicação de *PINGALOVE*, mas que dialogam e realmente concluem minha agora tetralogia étílico-poética, já apontando novos caminhos de exploração que minha escrita tomaria nos anos seguintes.

Eu jamais havia relido esses livros depois de publicados; muito menos assim, de forma sequenciada, como uma única obra. Fiquei surpreso quando constatei o óbvio: o grande tema do livro talvez sejam as despedidas, os términos e o sentimento de solidão que nos invade em momentos assim. Mais curioso ainda foi perceber o timing — não sei se cínico, sádico ou ambos — do Universo ao me colocar novamente em contato com esses temas e materiais logo após terminar uma relação que durou exatamente esse período de quase quatro anos que separam a escrita dos últimos poemas deste livro e o início do processo editorial para esta edição.

Aproveito para registrar aqui meus agradecimentos especiais a dois grandes poetas que tenho a honra de ter como amigos e que contribuíram ativamente para que este livro ganhasse vida e chegasse às mãos de quem o lê, Sérgio Santa Rosa e Alex Zani.

Sérgio, com o belíssimo prefácio dele, me fez enxergar elementos e propostas que, talvez por estar tão mergulhado nelas, não me eram ainda evidentes. Tive que ler algumas vezes o texto dele para ter certeza de que falava deste livro e de mim, tamanha a generosidade de suas palavras para conosco.

Zani, a quem tenho o prazer de chamar “meu editor” — o que me faz parecer um autor chique, renomado e importante. Nossos gostos e referências pessoais, muitas vezes próximas e noutras distantes, quase opostas, me permitiram expandir minha visão ao olhar para aquilo que, de tão próximo, eu mal conseguia ver, realizando pequenos porém importantes ajustes em todo o processo de construção deste livro.

Únicas pessoas com acesso ao texto original desta edição, ao final de suas observações, ambos comentaram que eu deveria pensar em mudar o título original do livro. Depois de muito pensar e trocar, foi numa conversa com a querida Luciana Lago que o atual — e, a meu ver, muito pertinente — título se manifestou. Assim, deixo aqui meu agradecimento mais do que especial a ela, não somente por isso, mas por todas as trocas que tivemos.

Por fim, mas de forma alguma menos importante, agradeço à Ana C. Moura, pelo cuidadoso e delicado trabalho de revisão, no qual demonstrou enorme sensibilidade ao aparar arestas daquilo que eu já considerava pronto; à Lara Valente, companheira de longa data vida afora, por ter me deixado charmoso nas fotos para divulgação do livro; ao Theo e ao Ravi, forças motrizes do meu dia a dia.

Aproveito para agradecer aqui, ainda que não nominalmente, a todas aquelas pessoas que, de forma direta ou indireta, sabendo ou não disso, me ajudaram a construir não somente os poemas aqui reunidos, mas também a minha própria história pessoal no período de criação deles. Espero e torço para que este livro reverbere em você assim como sua criação reverberou, e ainda reverbera, em mim.

Meus sinceros agradecimentos a todas e todos vocês.

Gracias,  
*Baga Defente*



## ***Sobre o autor***

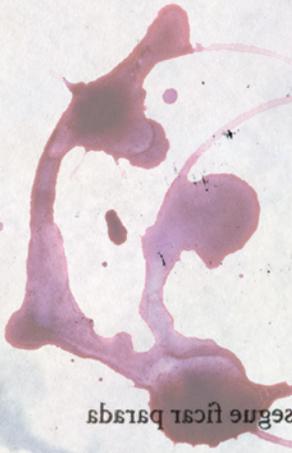
Baga Defente é poeta, editor & artista-etc. Formado em Direção e Roteiro pela 1º turma da Academia Internacional de Cinema (AIC-SP), há 10 anos trocou do cinza da cidade pelo verde do campo e desde então vive e trabalha a partir de Botucatu/SP.

Nesse período, teve curtas experimentais e videopoemas exibidos em mais 10 países e, desde 2015, também se dedica às publicações independentes, tendo editado cerca de 15 títulos entre obras suas e de outros autores através do NADA.:Studio Criativo, um híbrido de ateliê de criação multimídia com microeditora independente. É também criador e produtor do Sarau Akan-gatu, realizado desde 2018 em Botucatu e no ambiente online desde 2020.

Foi o primeiro poeta a fazer da parte da Fazia Poesia, portal de poesia contemporânea brasileira criado em 2016, no qual até hoje publica online seus poemas.

Daltônico e pai de dois, gosta de Baudelaire, mas prefere Belchior.

@bagadefente | nada.art.br | bio.fm/bagadefente



en dneria dur voce é tresser m dprnto ds sabsuds up en nnto  
& tivesses dur lida com a ansieqde ativa com a dua vivo

dur dno um material esta no estado enerqético mais baixo  
é impossível haver movimento  
por isso a paixão — cometa totod explosão

é a matéria do não-é-útil

ção conségne fca parq

por isso passar os dias todos te vendos ali toda online  
nóticamente acessível a distância de um tope ou chipe  
& me seguirar pra não te mandas uma música um a  
uma besteira duplret tpo "oi dner tç" só pra dner bado  
é a glie dur metee ser commentada

namos nos ver hoje



Ação realizada  
com recursos da  
Lei Aldir Blanc



SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA  
MINISTÉRIO DO  
TURISMO



ISBN 978-65-990181-4-5



9 786599 018145 >

a matéria escura — 28 — do nosso universo  
é aquela que não emite luz & só é detectada  
pelo seu efeito gravitacional na matéria comum

"You've got this strange effect on me  
& i like it"

os cristais de tempo têm uma estrutura  
que se repete tanto no espaço quanto no tempo  
são como relâmpagos: durando você toca, tremem  
só que nesse caso  
ela não precipitaria set tocas pra ficar tremendo

durando você me toca em me acalmo  
durando a gente se abraça  
respiro fundo pra sentir sua luz atendo  
& matéria comum das minhas tocas passas  
eu me sinto mais forte sinto a quarta toca

Handwritten signature in blue ink at the bottom right of the page.